



Testemunhando o passado
Cuidando do presente
Preparando o futuro



INSTITUTO PERNAMBUCANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA

BOLETIM INFORMATIVO

Ano 79 - Nº 28 - MAIO-JUN - 2024



Memorial da Medicina de Pernambuco interditado por início de desabamento

Acima, no sentido horário, foto de 1931 (Faculdade de Medicina do Recife), Memorial da Medicina (década de 2020) e parte dos danos externos e internos em foto de 29/04/2024. Ao centro foto da interdição do prédio pela UFPE

Editorial

- Reconstrução - Memorial da Medicina - Legado para as próximas gerações

Especial

- Em prol do Memorial da Medicina de Pernambuco

Curiosidades Históricas

- A primeira médica grega travestiu-se de homem
- Útero como etiologia da histeria?

Invenções e descobertas que revolucionaram a Medicina

- A jornada sistemática das ervilhas aos genes

Memórias da Medicina de Pernambuco

- Constâncio dos Santos Pontual
- O Ceroplasta da Coleção Jorge Lobo
- O flagelo da sífilis no Brasil sob o olhar de Gilberto Freyre

O Jovem na Medicina

- Aprendendo da cuidar de almas

Artigo em Destaque

- O Dia da Mulher



Boletim Informativo Instituto Pernambucano de História da Medicina

Diretoria

Presidente: José Luiz de Lima Filho
Vice-Presidente: Sílvio da Silva Caldas Neto
Primeiro-Secretário: Marcelo Moraes Valença
Segundo-Secretário: Renato Dornelas Câmara
Tesoureiro: João de Melo Régis Filho

Comissão de Divulgação & Comunicação

Antonio Peregrino
Bernardo David Sabat
Eduardo Paixão
Filipe Prohaska
Marcelo Moraes Valença
Márcio Allain Teixeira

Grupo de WhatsApp (Administradores)

Marcelo Moraes Valença
Márcio Allain Teixeira

Conselho Fiscal

Ester Azoubel Sales
Luiz de Gonzaga Braga Barreto

Produção

IPHM (Instituto Pernambucano de História da Medicina). O Boletim Informativo IPHM é uma publicação bimestral, ONLINE, de circulação dirigida e de distribuição gratuita sob responsabilidade do IPHM.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as da Diretoria do Instituto.

Para acesso online clique [aqui](#)

Formatação e Diagramação

Antonio Peregrino
Bernardo Sabat

Correspondência: Memorial da Medicina, Rua Amaury de Medeiros, 206, Derby, 52010-120, Recife, PE
e-mail: iphmedicina@gmail.com

YouTube: Instituto Pernambucano de História da Medicina

Opiniões, artigos e sugestões são bem vindos

Sócios Titulares

1. Amaury de Siqueira Medeiros / 2. Ananília Finizola de Vasconcelos / 3. Antonio Lopes de Miranda / 4. Antonio Medeiros Peregrino da Silva / 5. Aurélio Molina da Costa / 6. Bento José Bezerra Neto / 7. Bernardo David Sabat / 8. Carlos Alberto Cunha Miranda / 9. Cláudia Beatriz Câmara de Andrade / 10. Cláudio Renato Pina Moreira / 11. Dagoberto de Carvalho Júnior / 12. Djalma Agripino de Melo Filho / 13. Edite Rocha Cordeiro / 14. Eduardo Lins Paixão / 15. Eleny Silveira / 16. Eni Maria Ribeiro Teixeira / 17. Esther Azoubel Sales / 18. Fernando José Soares de Azevedo / 19. Fernando Pinto Pessoa / 20. Filipe Prohaska Batista / 21. Gilda Kelner / 22. Gilson Edmar Gonçalves e Silva / 23. Gisélia Alves Pontes da Silva / 24. Helena Maria Carneiro Leão / 25. Hildo Rocha Cirne de Azevedo Filho / 26. João de Melo Régis Filho / 27. José Benjamim Gomes / 28. José Guido Corrêa de Araújo / 29. José Luiz de Lima Filho / 30. Luiz Carlos Oliveira Diniz / 31. Luiz de Gonzaga Braga Barreto / 32. Marcelo Moraes Valença / 33. Márcio Diniz Allain Teixeira / 34. Maria de Fátima Militão de Albuquerque / 35. Maurício José Matos e Silva / 36. Meraldo Zisman / 37. Miguel John Zumaeta Doherty / 38. Moacir de Novaes Lima Ferreira / 39. Olival Cirilo Lucena da Fonseca / 40. Paulo Fernando Barreto Campelo de Melo / 41. Paulo José Carvalheira de Mendonça / 42. Raul Manhães de Castro / 43. Renato Dornelas Câmara Neto / 44. Ricardo de Carvalho Lima / 45. Romero Caldas Pereira de Carvalho / 46. Saulo Gorenstein / 47. Sérgio Tavares Montenegro / 48. Sílvio da Silva Caldas Neto / 49. Sirleide de Oliveira Costa Lira / 50. Theóphilo José de Freitas Neto / 51. Vânia Pinheiro Ramos / 52. Wilson Freire de Lima / 53. Zília de Aguiar Codeceira.

Sócios Correspondentes

1. Almira Vinhaes Dantas (Bahia) / 2. José Roberto de Souza Baratella (São Paulo) / 3. Milton Hênio Neto de Gouveia (Alagoas) / 4. Ney Marques Fonseca (Rio Grande do Norte) / 5. William Eduardo Nogueira Soares

Editorial

José Luiz de Lima Filho

Presidente do Instituto Pernambucano de História da Medicina

Reconstrução Memorial da Medicina Legado para as próximas gerações

Estamos em maio de 2024, ano em que parte do teto do Memorial da Medicina, situado no Recife, literalmente foi ao chão. A expressão descreve um momento de grandes dificuldades para todos nós.

A cada ciclo político, enxergamos uma agonia na memória da medicina em Pernambuco; como manter um prédio histórico? Como conservar a história? Que legado deixaremos para as próximas gerações?

Como resposta para estas questões, deveríamos ter um orçamento anual, que contemplasse todas estas necessidades.

Temos a obrigação de zelar, de investir e fazer a medicina cada vez mais forte. Vamos fazer um memorial e museu da medicina para a eternidade, que resista às mudanças climáticas, políticas e econômicas.

Memorial da Medicina, obra construída por médicos pernambucanos, estando a frente o Dr. Octavio de Freitas, tendo sido a primeira Faculdade de Medicina de nosso Estado.

Posteriormente foi integrado ao patrimônio da Universidade Federal de Pernambuco, com o objetivo de ter suas instalações e infraestrutura mantidas pelo MEC, e que suas ações servissem de legado às futuras gerações. Infelizmente, a estrutura do memorial não está conseguindo suportar as variações climáticas, políticas, e a falta de investimentos por parte dos órgãos federais.

Apesar dos esforços de vários reitores nas últimas décadas, visando a manutenção predial, a infraestrutura vem sofrendo muito, devido a escassez de recursos financeiros, e por escolhas de outras prioridades.

Esta situação não ocorre apenas com o prédio do Memorial da Medicina, mas vem ocorrendo com várias plataformas pertencentes ao Minis-

tério da Educação e Cultura - MEC, como por exemplo o Museu Nacional, pertencente a UFRJ, que há alguns anos devido a um incêndio, teve prédio e seu acervo destruído completamente. Acidente evitável, pois não existia um sistema de alarme, o que evitaria sua destruição; isto por falta de manutenção e investimentos.

Esta situação não é única em nosso país, onde o governo federal se compromete, mas por várias razões, fica sem orçamento suficiente para cobrir as despesas fundamentais de manutenção e muito menos de investimentos em seu próprio patrimônio, que é, na verdade de toda a sociedade!

Neste momento, em maio de 2024, grande parte das Universidades e Institutos Federais, estão em greve, devido a falta de recursos para a manutenção. Consequentemente, a infraestrutura conseguida com tanto esforço, está se deteriorando, mais uma vez

É fundamental termos um legado para a nossa sociedade de um memorial que sirva de referência para as próximas gerações, e que também venha a servir de estrutura na formação dos médicos e no desenvolvimento da medicina em nosso país. Para isso, é fundamental a reconstrução, manutenção e investimento desta obra quase secular de nossa memória.

Vamos juntos criar um consórcio, com as entidades médicas, junto com as universidades, com a sociedade, com o objetivo de buscar recursos, locais, nacionais e internacionais para soerguer este memorial, e fazer deste empreendimento um modelo de participação social global, para manutenção de nossa memória.

Um povo que não conhece a sua história, terá muitas dificuldades de construir o seu futuro.

Vamos juntos fazer o Memorial da Medicina forte, e servir de exemplo para o nosso país.

Especial

Em prol do Memorial da Medicina de Pernambuco

Era final da manhã do dia 26 de abril de 2024.
Uma sexta-feira.

Acadêmicos e funcionários da Academia Pernambucana de Medicina, do Instituto Pernambucano de História da Medicina, do Museu da Medicina de Pernambuco e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Sobrames-PE, encontravam-se em suas rotinas nas respectivas salas do Memorial da Medicina de Pernambuco quando ouviram altos e aterradoras estrondos no prédio.

O secular edifício, uma construção neoclássica criada para ser a primeira faculdade de medicina do Estado de Pernambuco - prédio que hoje é Patrimônio Histórico do Estado - começava a ruir.

Sem que houvesse tempo para retirada do importante material histórico (livros, peças do museu, registros de atas e tantos outros aparatos administrativos e físicos), todos acorreram ao pátio externo e, uma vez seguros, mas atônitos, trataram de informar uns aos outros sobre o ocorrido - e já esperado evento.

Pode se dizer esperado evento, uma vez que a construção, quase centenária (a obra foi concluída em 27 de março de 1927), não tem recebido há praticamente 30 anos, cuidados de manutenção em sua edificação histórica, cuidados estes que deveriam ser efetivados pela sua oficial proprietária - a Universidade Federal de Pernambuco, de há muito notificada, sob várias formas, a respeito dos desgastes observados no prédio. Não foram poucos os contatos com a gestão maior da UFPE - sua Reitoria - em reuniões, em mensagens de e-mail ou de textos do tipo WhatsApp ou ofícios, provenientes das entidades médicas localizadas no Memorial da Medicina.

O Memorial da Medicina, pode-se dizer sem margem de erro, é o templo da medicina de Pernambuco. Em 21 de abril de 1927, vinte e seis dias após a conclusão da obra física, passou a abrigar primeira escola médica do Estado, a então denominada Faculdade de Medicina do Recife (FMR), idealizada pelo médico Dr.

Octávio de Freitas, seu primeiro diretor.

A FMR é o berço da formação médica no Estado de Pernambuco. Hoje temos diversos centros de ensino médico no Estado, mas todos são derivados e devedores históricos e científicos da garra dos nossos pioneiros professores e alunos que ensinaram/estudaram a arte médica no prédio ora interditado por risco iminente de desabamento.

Em 1958, a FMR, doou o edifício à Universidade Federal de Pernambuco e o ensino da agora ex-FMR foi incorporado àquela Instituição Federal de ensino.

Após entrega do prédio, este chegou a abrigar o Colégio Militar de Pernambuco após cessão feita pela UFPE para o Exército Brasileiro que o devolveu alguns anos depois.

Na década de 1990, pela tenacidade e fibra do Prof. Fernando Figueira, fundador da Academia Pernambucana de Medicina, o edifício teve a incorporação em suas vagas dependências não só da Academia mas, igualmente, do Instituto Pernambucano de História da Medicina e do Museu da Medicina de Pernambuco. Também ali foi instalada a Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Sobrames - Regional Pernambuco e a Associação de ex-alunos da faculdade de medicina da UFPE. Todas, entidades médicas de cunho acadêmico-cultural e histórico. Presentemente também ali funciona a Associação de Pessoas da Terceira Idade.

Foi também década de '90 que a construção recebeu um vultoso investimento para restauração (1994-1995) graças ao apoio do então Reitor da UFPE, Prof. Éfrem Maranhão. Foi nessa época que passou a ser denominada de Memorial da Medicina de Pernambuco

É a "*Domus Mater*", a casa-mãe da nossa medicina. E é esse templo médico que ora está interditado, gravemente enfermo, em risco de desabamento e absolutamente necessitando de urgentes providências para sua mais do que merecida restauração.

Especial Em prol do Memorial da Medicina de Pernambuco

Continuação

No dia 27 de abril de 2024, dia seguinte ao terrível evento do dia anterior, as grandes e principais entidades médicas do Estado - o Conselho Regional de Medicina de Pernambuco - Cremepe; o Sindicato dos Médicos de Pernambuco - Simepe e a Associação Médica de Pernambuco - AMPE associaram-se à Academia Pernambucana de Medicina, ao Instituto Pernambucano de História da Medicina, ao Museu da Medicina de Pernambuco e à Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Sobrames, para prestar solidariedade e buscar soluções para a grave questão do Memorial da Medicina.

Uma vez que não era possível ingressar no prédio, houve uma reunião a céu aberto na praça em frente ao edifício - a Praça Octávio de Freitas - na qual o Cremepe, o Simepe e a AMPE de imediato ofereceram suas dependências para que as reuniões das entidades locais no Memorial pudessem, provisoriamente, ser mantidas ao mesmo tempo em que se prontificaram, em conjunto, a lutar em busca da restauração do prédio histórico. Para isso estão sendo organizadas mediações junto à Universidade Federal de Pernambuco e ao Governo do Estado de Pernambuco em busca da necessária e merecida solução para a questão do prédio e suas entidades instaladas.

No momento em que fechamos este artigo-libelo a favor do Memorial da Medicina de Pernambuco, o prédio continua interditado e ainda não sabemos nada de concreto sobre as providências a serem tomadas pelas autoridades competentes para sua restauração física e funcional.

A seguir algumas fotos dos danos no Memorial e, na página seguinte, da reunião do dia 27/04/2024.



Especial Em prol do Memorial da Medicina de Pernambuco

Continuação



Na foto acima, da esquerda para a Direita: Dr. José Luiz de Lima Filho (presidente do Instituto Pernambucano de História da Medicina), Dr. Paulo Fernando Barreto Campelo (Acadêmico da APM), Dr. Divaldo Sampaio (Presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Sobrames - Regional Pernambuco), Dr. Walber Steffano (Presidente do Sindicato dos Médicos de Pernambuco), Dra. Cláudia Beatriz Andrade (vice-presidente do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco - Cremepe), Dr. Euclides Martins (Diretor do Cremepe); Dr. Mário Jorge Lobo (presidente do Cremepe), Dr. Gilson Edmar (acadêmico da APM), Dr. Bento Bezerra (presidente da Associação Médica de Pernambuco - AMPE), Dr. Luiz Alberto Matos (diretor do curso médico da UFPE), Dr. Hildo Azevedo (presidente da Academia Pernambucana de Medicina), Dr. João Régis (acadêmico da APM), Dra. Regina Bezerra (médica da AMPE), Dr. Antonio Peregrino (vice-presidente da Academia Pernambucana de Medicina), Dra. Helena Carneiro Leão (conselheira federal e representante do Conselho Federal de Medicina), Dr. Robson Miranda (diretor do Simepe), Dr. Luiz Barreto (secretário-geral da APM), Dra. Nair Cristina Almeida (acadêmica da APM e membro da diretoria da Associação de ex-alunos da Faculdade de Medicina, Dr. Paulo Mendonça (acadêmico da APM) e dr. Guido Corrêa de Araújo (acadêmico da APM e presidente da Associação de ex-alunos da Faculdade de Medicina.

Ao lado, foto da reunião na Praça Octávio de Freitas, em frente ao Memorial da Medicina de Pernambuco, para primeiras deliberações em prol do Templo da Medicina de Pernambuco.



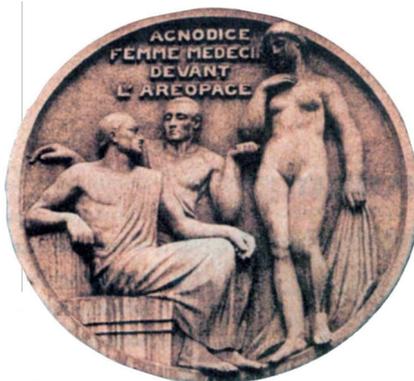
Seção I - Curiosidades Históricas



Antonio Peregrino

Membro Titular da Academia Pernambucana de Medicina e do Instituto Pernambucano de História da Medicina

A primeira médica grega travestiu-se de homem



Arte em Relevo - Medalha Exposta na nova Faculdade de Medicina de Paris

Na Grécia Antiga, vivia Agnódice (ou Acnodice), uma mulher que possuía enorme desejo de ser médica. O grande problema é que, na época, era absolutamente proibido que mulheres exercessem a profissão no país.

Agnódice não se intimidou. Foi para a Itália e, em Roma, aprendeu a fazer partos e adquiriu outros conhecimentos básicos de ginecologia e obstetrícia.

Retornou para a Grécia e, para exercer profissão sem ser punida, tomou uma atitude extrema: travestiu-se de homem e passou a trabalhar como obstetra. Era de tal modo competente que obteve um número muito elevado de mulheres como clientes o que despertou o ciúme de vários outros médicos da área.

Como acreditavam que Agnódice fosse realmente homem, a forma que tiveram para a puni-la foi acusa-la de estar praticando atos libidinosos com as pacientes.

Foi levada a Tribunal (o areópago) e tentou defender-se ao máximo. Quando percebeu que seria condenada à morte, não teve dúvidas: despiu-se de diante do juiz e dos jurados que ficaram absolutamente surpresos com a descoberta.

Agnódice foi inocentada e o juiz não apenas reconheceu a injustiça, como também promulgou uma lei determinando que a partir daquele momento, as mulheres poderiam ter o direito de exercer a medicina na Grécia.

Referência: Armando J. C Bezerra. Admirável Mundo Médico. 3ed. CRM-DF, 2006

Útero como etiologia da Histeria?

Papiros do Antigo Egito descrevem condições fisiológicas, gravidez ou doenças femininas que são semelhantes às que acometem as mulheres contemporâneas.

O denominado Papiro Kahun (de aproximadamente 1850 a.C.) era dedicado totalmente ao estudo das doenças e da gravidez e foi descrito como “tão usado que seu proprietário teria precisado consertá-lo com remendo”.



Vapores aromáticos para absorção pela vulva na era medieval

Um grande engano da época, todavia - e relatado no citado papiro - era a concepção de que o útero era um órgão móvel: caminhava pelo corpo feminino. Este foi um conceito que permaneceu presente no ocidente até o século XVIII.

Como, em grego, útero é denominado de “histero” - daí histerectomia - acreditava-se que se o útero, em sua mobilidade errática pelo corpo feminino, atingisse o sistema nervoso central provocaria instabilidades emocionais diversas, denominadas então de histeria. Havia tratamento indicado: ervas aromáticas e seus vapores aplicados próximo à vulva para que o útero voltasse à região pélvica.

Com este raciocínio sobre a etiologia da histeria, este seria um transtorno mental específico das mulheres uma vez que os homens não eram portadores de útero.

Referência: BBC Collector's Edition. The Story of Medicine, 2017.

Seção II - Invenções & Descobertas que revolucionaram a Medicina

A jornada sistemática das ervilhas aos genes

**Filipe Prohaska**

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

A hereditariedade sempre foi um desafio para as mais diversas teorias da conspiração. Lamarck sugeria que nossa capacidade adaptativa em vida era transferida automaticamente para nossa prole. “A culpa de não sermos fortes é decorrente dos hábitos inadequados de nossos pais.” Essa transferência de responsabilidade apenas foi questionada após um monge austríaco observar as características de suas ervilhas. Sim, um monge austríaco do século XIX foi o grande maestro do estudo sistemático da hereditariedade, havendo previsibilidade de segregação e combinação. O quintal do monastério foi o berço das principais (e mais caras) terapias gênicas atuais.

Os fatores hereditários que Mendel nominava hoje são conhecidos como genes e, como todo grande visionário do século XIX, teve seu trabalho ignorado até o início do século XX. Cientistas como Hugo de Vries, Carl Correns e Erich von Tschermak corroboraram seus dados. De Vries era um botânico holandês que não conheceu Mendel ou sua teoria, mas em paralelo conseguiu desenvolver dados consistentes e semelhantes, quase 80 anos após Mendel iniciar suas pesquisas. Correns, botânico alemão, foi o primeiro a reconhecer Mendel e seus resultados. Não foi diferente com o botânico austríaco, von Tschermak. O trio desempenhou papéis cruciais na redescoberta e na disseminação das ideias de Mendel, lançando as bases para o desenvolvimento da genética moderna.

Em meados do século XX, Thomas Hunt Morgan começa os estudos com moscas da fruta, desempenhando papel crucial sobre conceitos mais complexos de transmissão de traços hereditários e a função dos cromossomos nesse papel, culminando com a descoberta do siste-

ma helicoidal de Watson e Crick e as infinitas combinações das características genotípicas e fenotípicas.

A corrida desenfreada do conhecimento levou à clonagem humana e ao mapeamento genético humano, o famoso projeto Genoma Humano, ambos no final do século XX. Todos ficamos chocados ao olhar para a ovelha Dolly, mas decepcionados em saber que temos a metade dos genes de uma banana e de outras frutas.

Hoje, as terapias gênicas representam uma das áreas mais promissoras da medicina. Essas abordagens inovadoras visam corrigir ou substituir genes defeituosos responsáveis por doenças genéticas, oferecendo esperança para condições anteriormente consideradas incuráveis. Exemplos de terapias gênicas incluem a terapia gênica somática, que visa corrigir genes em células do corpo, e a terapia gênica germinativa, que visa corrigir genes em células reprodutivas. Embora ainda em desenvolvimento, as terapias gênicas oferecem esperança para milhões de pessoas em todo o mundo que sofrem de doenças genéticas debilitantes e degenerativas.

A jornada da genética, desde os experimentos inovadores de Mendel até as terapias gênicas modernas, é uma história de curiosidade, descoberta e progresso científico. Ao longo dos séculos, os avanços na compreensão da hereditariedade transformaram não apenas nossa compreensão do mundo natural, mas também nossa capacidade de diagnosticar e tratar doenças genéticas. Enquanto olhamos para o futuro, é emocionante contemplar as possibilidades que as terapias gênicas e outras tecnologias genéticas podem oferecer para melhorar a saúde e o bem-estar das próximas gerações.

Seção III - Memórias da Medicina de Pernambuco (1)

PERSONAGENS PERNAMBUCANAS QUE FIZERAM HISTÓRIA

Constâncio dos Santos Pontual



Eduardo Paixão

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

Em 26 de Agosto de 1849 nascia **Constâncio dos Santos Pontual**, no município de Escada, PE, filho de João Manuel Alves Pontual e Thereza da Silva Vieira Pontual.

Era herdeiro de senhores de engenho da zona da mata sul e herdou o Engenho Cabeça-de-negro que vendeu ao seu compadre Antônio Pontual no ano da sua formatura em medicina, talvez para ajudar a custear parte dos estudos que continuaram na França.

Dr. Pontual formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia em novembro de 1873, após a defesa das suas teses que versavam sobre o tratamento compressivo dos aneurismas de aorta e hematuria endêmica dos países quentes.

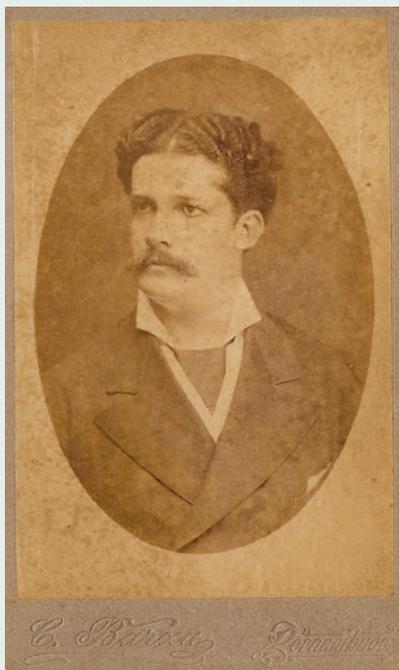
Quando voltou a Pernambuco estabeleceu consultório construindo vasta clientela, que gozava “de sua inteligência e a robustez de sua mentalidade”, conforme destaca Octávio de Freitas em seu livro “Os nossos médicos e a nossa medicina”, de 1904.

Era seguro e preciso na resolução dos seus casos clínicos, sabendo acolher aqueles que recorriam aos seus conhecimentos, entretanto, tinha aversão a discussões científicas públicas, o que resultou em poucos trabalhos científicos registrados em seu nome.

Foi nomeado lente – termo usado para designar o professor catedrático – de medicina

legal da Faculdade de Direito do Recife, onde há registros de aulas bastante elogiadas pelos colegas e discípulos. Mas apesar dessa notoriedade não gostava de publicar suas opiniões.

Em Medicina e Costumes do Recife Antigo, de Octávio de Freitas, publicado em 1943, no capítulo “Os trajes Médicos no Século XIX”, o autor descreve a vida do Recife naqueles tempos e a forma de se vestir dos médicos.



Registra que, na Bahia, em meados do século XIX era comum entre os médicos mais afamados, andar em cadeirinhas carregadas por dupla de escravos africanos.

“Vestiam-se com elegância, perfumados, e usavam sinetas e berloques na cadeia (corrente) do relógio e a clássica bengala de cana da Índia, com castão dourado”, descreveu Octavio de Freitas.

Registrou ainda que, quando retornou a Recife em 1893, diplomado em Medicina, os seus colegas usavam trajes “rigorosamente respeitáveis e severos”. Quem não andasse assim, arriscava-se a não conseguir um único cliente, porque faltava a devida composição para exercer tão nobre profissão.

Dr. Constâncio Pontual, segundo Octavio de Freitas, que conviveu de perto com ele, nunca mudou seu estilo de vestuário - paletó, calças pretas e o indefectível colete branco, além de uma gravata também preta. Em suas visitas médicas domiciliares utilizava-se de um bonito cavalo, muito bem arreiado

Seção III - Memórias da Medicina de Pernambuco (1)

PERSONAGENS PERNAMBUCANAS QUE FIZERAM HISTÓRIA

Constâncio dos Santos Pontual

Continuação

que tornava imponente a sua figura.

Ainda sobre os trajes médicos da época, Octavio de Freitas ironiza, que para criar inveja para os médicos de hoje – época que escreveu o livro – apesar de roupas tão sisudas e da ausência de veículos mais velozes, tudo corria a contento de todo o mundo, finalizou o capítulo.

Em outro registro, Dr. Octavio de Freitas descreve Dr. Pontual como o típico físico mais bem acabado do médico na sua concepção magistral, apresentando-se para ele como o representante genuíno do sacerdote médico – “sua pose, sua dicção grave e convincente, seus gestos meditados concorrem para assim caracterizá-lo”.

Certa vez, descreve Octavio de Freitas, ainda um recém-formado, solicitou ao Dr. Pontual um renomado profissional, a avaliação de um parente que tinha um aneurisma de aorta com fortes dores torácicas. Dr. Pontual fez um minucioso exame físico, observou as expressões do paciente e anteviu um desfecho grave e próximo, porém com expressão imperturbável, explicou os fatos e com ternura deixou o paciente animado, praticando o senso humanístico da medicina de curar algumas vezes, aliviar muitas e consolar sempre.

Dr. Constâncio Pontual foi presidente da Associação Médica de Pernambuco entre 1899 e 1900.

Em 1904 assumiu a Inspetoria de Higiene, cargo que ocupou até 1911. Enfrentou na sua gestão a grande epidemia de disenteria

que matava cerca de 200 pessoas por semana e conseguiu controlá-la rapidamente.

Como higienista, transformou os diversos serviços da Inspetoria. Além desses vários melhoramentos, criou em 1907 um incinerador de lixo público.

Em junho de 1895 a Câmara dos Deputados, aprovou a criação da Faculdade de Medicina do Recife, sendo encaminhado ao senado dias após; contudo na sala das comissões do Senado, o tema entra em discussão final, e Dr. Constâncio Pontual, professor catedrático de Medicina Legal do Recife, encaminhou aos senadores parecer onde se mostrava irredutivelmente contrário a essa criação, levando os senadores a rejeitarem e congelarem o projeto.

Foram necessários 20 anos para que, em 1915, Octavio de Freitas criasse a primeira congregação da Faculdade de Medicina do Recife.

Para os defensores dessa instituição de ensino que tantos benefícios trouxe para o nosso estado, esse fato maculou de certa forma o seu legado.

Contudo, a biografia registrada do Dr. Constâncio dos Santos Pontual descreve um homem humanista e clínico habilidoso, que deixou sua marca na história da medicina de Pernambuco.

Faleceu em 15 de março de 1932, em Recife, Pernambuco, e foi sepultada no Cemitério Santo Amaro, na mesma cidade do Recife.

Seção III - Memórias da Medicina de Pernambuco (2)

ACERVO DO MUSEU DA MEDICINA DE PERNAMBUCO



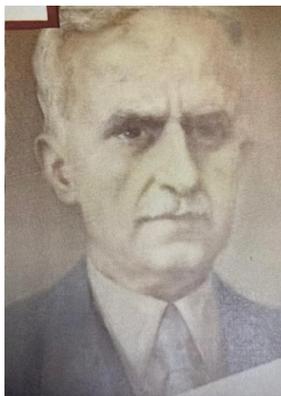
Renato Dornelas Câmara

Membro Titular da Academia Pernambucana de Medicina e do Instituto Pernambucano de História da Medicina

O Ceroplasta da Coleção Jorge Lobo

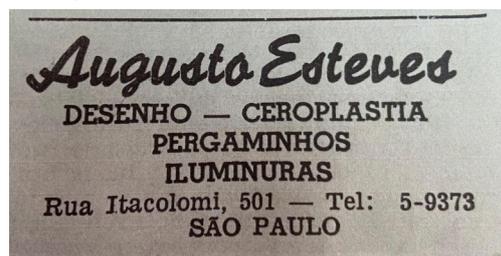
O Museu da Medicina de Pernambuco dispõe no seu acervo uma rica coletânea de 35 peças inventariadas, moldadas em cera (“moulage”), acondicionadas em caixas de madeira protegidas com vidro e que reproduzem doenças dermatológicas variadas. Integra a chamada “Coleção Jorge Lobo” que era utilizada para exposições e aulas pela Cátedra de Clínica Dermatológica e Sifilográfica quando regida pelo Professor Jorge de Oliveira Lobo (1936 a 1968) e funcionava no Hospital Santo Amaro.

A doação foi feita no ano de 1987 pelo seu sobrinho Prof. Márcio Lobo Jardim que lhe sucedera na Cátedra. Pela sua beleza plástica desperta de imediato a curiosidade pelo autor destas peças. Quem será então o artista?



Nos nossos registros trata-se do ceroplasta e artista plástico José Augusto Esteves (foto ao lado), nascido em 1891 no Paraná, mas que exerceu suas atividades em São Paulo. Desde cedo mostrou interesse e aptidão para o desenho e pintura e seu desejo de se tornar um artista o levou a conhecer o Instituto Butantan em março de 1912, sendo acolhido por Vital Brazil, que o estimulou a desenvolver suas habilidades em pinturas e em moldes de cera, tornando-se funcionário do Instituto. Daí por diante, pela excelência do seu trabalho, tornou-se requisitado para desenhos, iluminuras, pergaminhos e claro, trabalhos de ceroplastia, a maioria voltada à medicina. Foi contratado em 1936 pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e teve destacado papel na confecção de esculturas de ceras notadamente na “moulage” dermatológica, produzindo cerca de 259 peças.

Também atuou no Instituto Oscar Freire da mesma Universidade e ligado à Cátedra de Medicina Legal e aí deu excepcional contribuição ao ensino produzindo grande número de peças em cera, além de pranchas desenhadas que serviam para aulas. Augusto Esteves aposentou-se em 1959 e faleceu em 1966, sendo seu legado admirado por seus pares e aqueles que aprenderam com sua arte. Por iniciativa do prof. Carlos Lacaz, que em 1977 idealizou o Museu da Medicina da USP, foi criado o Museu Ceroplástico Augusto Esteves em 1980 no Depto. de Microbiologia e Imunologia. Esteves não foi apenas um técnico talentoso na arte da ceroplastia, um artista plástico de valor, mas um mestre que teve a sensibilidade de fazer de sua arte um instrumento de uso científico e didático além de realçar a importância das relações entre a arte e a ciência.



*Anúncio na Rev. Bras.
Hist. Med. 1952*



As peças de Esteves que se acham no nosso Museu vieram de São Paulo por volta 1950 por intermédio do prof. Jorge Lobo que possivelmente contratou os serviços do artista ou adquiriu peças já feitas.

Na foto ao lado, a coleção do Prof. Jorge Lobo é observada por estudantes e colegas médicos em visita ao Museu da Medicina de Pernambuco.

Seção III - Memórias da Medicina de Pernambuco (3)

FATOS E FEITOS QUE MOLDARAM NOSSA HISTÓRIA



Bernardo Sabat

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

O flagelo da sífilis no Brasil sob o olhar de Gilberto Freyre

A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível causada por uma bactéria, o *Treponema pallidum*. A doença ganhou relevância social e histórica a partir do final do século XV, quando se dissemina na população europeia. A doença recebeu, em 1530, a denominação de sífilis pelo médico e poeta veronês Girolamo Fracastoro. Em 1579, Jean Fernel, professor parisiense, deu à doença o nome lues, um termo em latim para epidemia, peste ou praga. O agente etiológico somente é identificado em 1905, no Instituto Pasteur. O tratamento foi realizado de forma empírica com mercúrio, (na forma de pílulas, supositórios, inalações, injeções e pomadas), iodeto de potássio e compostos de arsênio, até o ano de 1943, quando a penicilina surge como tratamento definitivo.

Gilberto Freyre, em sua obra “Casa Grande e Senzala”, trata as questões de saúde, como elementos centrais em suas explicações sobre o processo de constituição de nossa sociedade. Não foi diferente com relação à epidemia de Sífilis, que assola as nossas terras desde o período colonial, razão pela qual, chegou a afirmar que: “O Brasil foi sifilizado antes de ser civilizado”.

A sífilis foi identificada com problemas que transcendiam a saúde individual, transbordando para questões relacionadas à família, à raça e à nação. Por isso, ao tratar dessa doença, não condiciona o mal à subnutrição, mas pretende mostrar que a doença não é autóctone e, dessa forma, absolve o elemento nacional, em especial o negro, da culpa pela sua larga disseminação em nossa sociedade.

Desde o final do século XIX, a crença na hereditariedade dessa doença e no seu alto nível de incidência fez com que ela fosse vista como importante fator de degeneração da raça, consequência negativa da miscigenação de nosso povo. A partir da década de 1920, a observação médica sobre a sífilis se empenha em separar a doença da miscigenação, atribuindo-lhe o caráter de patologia social.

Freyre considerava que a sifilização do Brasil resultou dos primeiros encontros, alguns fortuitos, de praia, de europeus

com índias, não só de portugueses como de franceses e espanhóis. Mas principalmente de portugueses e franceses. Em relação à origem da doença, ele comunga com a posição da maioria dos médicos de sua época.

No que diz respeito à contaminação de nossos índios e, posteriormente, do elemento escravo, Freyre procura mostrar que ela se iniciou nos primeiros contatos com os povoadores, na fase de exploração costeira que antecedeu a verdadeira empresa colonial. O início da miscigenação marcaria também o início da sifilização. Mas ele adverte que esses dois acontecimentos não se identificam. O primeiro traria a marca distintiva do povo brasileiro na sua positividade; o segundo legaria aos nossos a depauperação física e a deformação plástica.

A contaminação sífilítica se ligaria, ainda, a outros aspectos da sociedade escravista. Segundo Freyre, a utilização de escravas como amas-de-leite permitia a sua contaminação pelas crianças sífilíticas. Além disso, ele aponta que nas casas-grandes e senzalas a doença era vista com tanta naturalidade que as marcas que deixava nos corpos dos filhos dos senhores de engenho passaram a ser encaradas como símbolo de masculinidade.

Finalmente chama a atenção nas considerações de Freyre, relacionadas às causas e às consequências da assim chamada sifilização do Brasil, a sua abordagem reforçando estereótipos e hierarquias sociais, com a valorização da cultura europeia em detrimento das culturas indígena e africana.

Segundo Freyre (1933, p. 316), “O que se tem apurado entre os povos negros da África, como entre os primitivos em geral, é maior moderação do apetite sexual que entre os europeus. É uma sexualidade, a dos negros africanos, que para excitar-se necessita de estímulos picantes. Danças afrodisíacas. Culto fálico. Orgias. Enquanto que no civilizado o apetite sexual de ordinário se excita sem grandes provocações demonstrando a necessidade entre eles de excitação artificial.”

Seção IV - O Jovem na Medicina

Aprendendo a cuidar de almas



Giovana Arcuri Cavalcanti

Aluna do 8º Período do Curso Médico na Faculdade de Ciências Médicas - UPE

Essa semana, pela primeira vez, vi uma paciente morrer!

Ela tinha dois anos e nunca havia conhecido uma vida fora do hospital. Seus brinquedos estavam apoiados na maca ao lado, seus amigos eram a equipe de enfermagem e os doutorandos da enfermaria de infectologia pediátrica, dos quais eu fazia parte. Sua alegria eram os pirulitos que a residente trazia na evolução diária. Sua sonda nasoenteral e a hora de trocar a bolsa da ileostomia, seus piores inimigos.

Nós havíamos feito uma festinha de aniversário para ela duas semanas antes. Seus dois anos foram comemorados com balões na bomba de infusão, bolo de mentira e sorrisos por trás das máscaras. Mas ali, como estudante de medicina do oitavo período, foi a primeira vez que eu entendi como é fácil amar uma pessoa essencialmente estranha: como é possível sentir o ímpeto de querer fazer de tudo por alguém, lutar com todas as armas (ou antibióticos) por um ser sem ter amizade ou laço de sangue algum?

Entretanto, aprendi também que nem sempre tudo corre como queremos, e será que nosso papel é fazer tudo o que queremos mesmo? O chamado que recebemos, sob a máxima de “*primum non nocere*”, não foi apenas um aviso para evitarmos iatrogenias indicando procedimentos ou medicamentos errados. Esse princípio, que deve guiar nossa prática médica nos anos que virão, também se refere ao “fazer demais”.

Um querido professor, Dr. Henrique Faria, em uma aula do módulo de Ciclos da Vida, parte da grade curricular do quinto período da faculdade de medicina da Universidade de Pernambuco, da qual sou aluna, uma vez nos falou o seguinte: “o

ciclo da vida é inevitável, assim como recebemos com alegria a vida nova, o adoecimento e envelhecimento é fato. E o maior defeito do médico é passar a acreditar que ele consegue para-lo.” Nos temos medo de lidar com a morte no nosso curso, pois vemos o quanto finitos e limitados somos e que nem tudo está sob o nosso controle. O estudante adquire tanto conhecimento durante a graduação e vê o impacto positivo das tecnologias, que, por vezes esquecemos que a morte também é parte do ato profissional. Negamos sua presença com tudo que temos, mas ela, como a vida, é inevitável.

Com minha pequenina paciente compreendi que, na profissão que escolhemos (ou que nos escolheu), temos a oportunidade de permitir que o amor floresça mesmo em ambientes mais escuros. Mas isso não significa que lutar por um paciente até o fim me obriga a continuar com todos os procedimentos invasivos, ampliar meu espectro antimicrobiano ou indicar ao paciente medidas extremas. Lutar por alguém significa entregar o que eu tenho de melhor, não o que eu reconheço o ser, mas aquilo que forneça maior dignidade ao meu paciente, que o traga menos dor e através do qual eu possa transmitir aquilo que é mais inerente ao ser humano: cuidado e amor. Pensamos tanto no físico, mas esquecemos de cuidar da alma.

Por fim, finalizo com uma frase de Carl Jung, que resume o maior conhecimento que obtive até agora na minha trajetória na medicina, repleta de emoções, lições de humildade, reconhecimento de incapacidade e aprendizado de resiliência, e que me faz mais certa da escolha que fiz há quatro anos: “Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”.

Seção V - Artigos em Destaque (1)



Selma Vasconcelos

Membro Titular da Academia Pernambucana de Medicina

O Dia da Mulher

No dia oito de março dedicado especialmente ao gênero feminino, releio o poema de Adélia Prado - Com licença poética - e percebo que só uma mulher poderia escrevê-lo. Vejamos o poema:

*Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
carga muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— Dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.*

MULHER É DESDOBRÁVEL. Eu sou.

A poeta inicia pelo vaticínio do anjo esbelto que anunciou no seu nascimento “vai carregar bandeira”!

Só esse ser do sexo feminino sabe que isso é uma verdade incontestável. A mulher tem que carregar mesmo esse estandarte e com ele atravessar corredeiras, pântanos, montanhas, desertos e desfiladeiros, com seu corpo frágil e espírito forte. E o melhor de tudo é que sabemos disso desde a infância, principalmente as meninas de minha geração (anos cinquenta) às quais se exigiam comportamentos ditados pela sociedade patriarcal e machista, desde o modo de sentar, de falar, de exprimir seus sentimentos, seus desejos, enfim, às quais eram negadas o direito de ser. Afora tudo isso estavam os ditames da religião que corroborava e até regia as

convenções sociais que dirigiam nossas vidas.

Sabíamos, sim, que precisávamos carregar uma bandeira e como diz a poeta “carga muito pesado para uma mulher”, em busca de nosso direito como pessoa. E quão longo e doloroso tem sido o caminho, repleto de repressões, de negativas, de julgamentos descabidos, de censuras, de preconceitos, de dúvidas. E assim vamos atravessando, caminhando e nem sempre cantando como diz a canção.

O poema de Adélia segue afirmando nossa energia feminina quando diz que “aceita todos subterfúgios sem precisar mentir”. Essa mulher está disposta a seguir com sua bandeira em punho em busca da liberdade. Mais adiante, afirma o poder feminino da procriação: “inauguro linhagens, fundo reinos, e mantenho uma alegria vinda dos ancestrais”. E por falar em procriação, esse é um dos atributos maiores, senão o maior, sobretudo para as mulheres, que abrigam no interior de seu corpo, por nove meses, uma outra(s) vida(s) que já se fazem sentir como parte dela própria logo após a fecundação. A ligação do filho com a mãe é além de tudo visceral e isso não é pouco, nos tornamos duplas ou triplas durante a gestação e assim seguimos por toda a nossa vida.

Voltando ao poema, Adélia rejeita a maldição de ser coxo na vida (é maldição para homem), uma vez, digo eu, que esses talvez não necessitem de tanta fortaleza para conduzir seus destinos.

Reconheçamos que conseguimos muito avanços, embora sobrexistam formas resistentes de sujeição, preconceitos e desigualdades de direitos entre os gêneros. Sigamos firmes com nossa bandeira hasteada e lutando sempre para termos o “lugar ao sol” que merecemos.

Afinal e finalmente, Adélia nos define com uma só palavra: **MULHER É DESDOBRÁVEL!**

Seção VI - Aniversariantes

Maio

02 Ester Azoubel

Junho

05 Fernando Pinto Pessoa
18 Gilda Kelner

Seção VII - Datas Comemorativas

Maio

01 Dia do Trabalho
02 Dia Nacional da Ética
05 Dia Nacional do Uso Racional de Medicamentos
07 Dia do Oftalmologista
08 Dia Internacional da Cruz Vermelha
16 Dia do Geriatra
17 Dia Mundial da Hipertensão
19 Dia Mundial do Médico de Família
31 Dia Mundial de Combate ao Fumo

Junho

05 Dia Mundial do Meio Ambiente
06 Dia Nacional de Luta contra Queimaduras
14 Dia Mundial do Doador de Sangue
19 Dia Mundial de Conscientização sobre a Doença Falciforme
21 Dia Nacional de Controle da Asma
21 Dia Nacional de luta contra a Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA)
25 Dia Mundial do Vitiligo
26 Dia Nacional do Diabetes

Referência: <https://www.calendarr.com/brasil/> e <https://bvsmms.saude.gov.br/datas-da-saude/>

**Links para acesso ao Boletim Online,
para o canal do IPHM no YouTube e para contato por e-mail**

[Boletim online clique aqui](#)

Canal do YouTube: [clique aqui](#)

e-mail: iphmedicina@gmail.com